



Programa Observatório da Educação

Projeto: Desafios Educação de Jovens e Adultos integrada a Educação profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho/mídias virtuais.

Edital Capes: nº49/2012

Núcleo 1 - PPGE-UFES

Rede de pesquisa - UFG/UFES/ UnB do Observatório de Educação OBEDUC/CAPES/INEP

Ana Gisele Ferreira

RELATÓRIO ANUAL

Iniciamos as atividades da pesquisa neste ano, de 2014 no início do mês de Março, tivemos um ano bastante intenso, até mesmo no sentido de nos organizarmos, foram acompanhamentos de pesquisas, leituras, seminários, apresentação do nosso trabalho à escola, aplicações de questionários em escolas de EJA, grupos de estudo sobre o tema Alfabetização e tentativas de afinarmos no quesito pesquisa.

Sobre a influência do estudo da pesquisa-ação na entrada em sala de aula:

Desde o início dos trabalhos referentes à pesquisa do Observatório de Educação, ficamos cientes de que a Pesquisa-ação seria a metodologia que nortearia o nosso trabalho de pesquisa. Portanto, em nossa entrada e permanência em sala de aula, não poderíamos nos comportar como meros observadores em meio ao movimento da sala de aula, nosso principal *lócus* de pesquisa. Nesse sentido, a observação não deixa de fazer parte dos processos de apreensão, mas torna-se aparentemente secundário pelo envolvimento com os sujeitos, que se faz necessário na atuação neste campo.

A pesquisa-ação nos projeta para uma visualização mais ampla, pois do conhecimento do sujeito podem surgir alternativas cabíveis ao maior aproveitamento do potencial e criação de estratégias significativamente eficazes na aprendizagem, sendo assim, esse método, foca os processos de ensino-aprendizagem-aprendizagem-ensino como passíveis e essencialmente objeto de pesquisa contínua.

Ainda sobre a pesquisa-ação, utilizada em sala de aula ao pensar as experiências deste ano, penso que é impossível dizer-se professor estando desconectado da pesquisa. Em leitura do livro recomendado “A Pesquisa-ação”, Réne Barbier, afirma que a participação é um princípio da pesquisa coletiva, sem esta não se pode conhecer o que nos interessa se não formos parte da ação de pesquisar envolvidos pessoal e integralmente, emocional e sensorialmente e de forma imaginativa e racional com o meio e os sujeitos alvo da pesquisa que desejamos realizar e esta é e foi ao longo do ano uma busca.

O sujeito da EJA:

Ao longo desse ano, confesso que não foram raras as minhas surpresas em relação ao público da EJA. Quanto ao perfil, a faixa etária, quanto ao fato de alunos tão jovens passarem a frequentar classes de EJA, quanto a alunos considerados velhos para sala de aula estar entre os alunos da escola, quanto às perspectivas, interesses e conhecimentos dos alunos.

Foi um período de rever conceitos e também pré-conceitos, quebra de padrões da ideia que geralmente se faz ou se tem do aluno da EJA, que, as vezes o professor carrega. Nesse período mudei a ótica sobre o aluno da EJA, apenas como o adulto que por motivos passados, pelo desinteresse, não estudou na idade tida como correta.

Algumas vezes, não percebemos que pensamos assim, mas na prática de uma forma geral, percebi um adulto na escola em série inicial sendo tratado assim. Não raro os alunos serem pensados fora do sistema de ensino. Na minha observação, EJA não se traduz apenas em educação de adultos, mas em uma falta de assistência e negação de direito ao sujeito que é marginalizado, jovem ou adulto pobre, que passaria através dos anos como observador das mudanças da sociedade, ocupando sempre um mesmo lugar, marcado pelo desemprego e faltas de acesso ao básico. Nessa lógica, nem mesmo seria possível acabar com o analfabetismo, pois é o processo de exclusão reproduzido pela sociedade ao longo dos séculos que faz com que um senhor com 67 e um menino de 17 anos cheguem as salas de aula da EJA, sem experiência de escolarização, resultado da luta pela sobrevivência.

Gosto de conversar informalmente com os alunos, faz parte do processo, criar um vínculo com o sujeito em que é possível fazer perguntas sem que o constranja. Perguntando a praticamente todos os alunos da turma o motivo de

ter parado de estudar ou ter entrado na escola já adulto, é possível ouvir histórias e as frases tais como: “não tinha escola, porque era na roça”; “tinha que ajudar meus pais a manter a casa desde cedo” ou ainda “tive que sair pra trabalhar.” Isso nos leva a inferir que a não escolarização é produzida pela sociedade em mínimos detalhes.

O professor da EJA precisa estar ligado a essas questões sociais e econômicas que atravessam as vidas desses sujeitos. O aluno traz as marcas do trabalho mal remunerado, do excesso de trabalho, da falta de trabalho, do esforço, do preconceito e da discriminação e da negação. Além das diferenças já explícitas como o saber desenvolvido por necessidade de adequação a suas necessidades, como pegar ônibus e reconhecer placas e marcas, sem saber ler, calcular usando dinheiro sem conhecer as operações matemáticas.

Sendo assim, o professor da EJA, principalmente o professor alfabetizador, precisa refletir e repensar suas ações em sala de aula de modo a permitir-se não se prender a um método de ensino, mas identificar o que funciona na aprendizagem do aluno e ao mesmo tempo leve a reflexão do aluno enquanto sujeito que aprende, criando ambientes de mediação do conhecimento sem engessá-lo, ou fechar-se num único caminho que considera viável.

Freire afirma que:

(...) A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1989)

Levando em consideração essa afirmação, todo esforço empregado em aproveitar o que o aluno sabe para mediar o saber escolar, por parte do professor, é bem vindo. A postura do professor deve ser de valorizar esses saberes de modo que as maneiras de falar do aluno sejam respeitadas, por exemplo, mas na tentativa de se criar interesse no aluno de conhecer a forma padrão.

Sobre a sala de aula:

Centro de Convivência da Terceira Idade Bairro Maria Ortiz, na Cidade de Vitória, no Espírito Santo. Acolhe idosos moradores do bairro e de seus entornos para realização de diversas atividades de interação, ginástica, trabalhos manuais, projetos para aumentar a renda e trabalhar a valorização da terceira idade como a melhor das fases da vida. É nesse espaço que funciona uma das salas de aula da Escola Admarco Serafim de Oliveira e recebe em média 15 alunos. Acompanhei durante o segundo semestre deste ano, o turno

vespertino, a turma do primeiro segmento/ Alfabetização. Na mesma turma, há alunos de diferentes níveis de aprendizagem.

Exemplo: Estudo sobre a cidade de Vitória: No mesmo dia e mesma turma, um aluno escreve um texto sobre a cidade, uma aluna escreve sobre os lugares que mais gosta da cidade, outro lê recortes de jornal sobre a cidade a fim de responder perguntas sobre, outra aluna junta letras formando palavras referentes à cidade. Não que isso cause espanto no sentido, na dinâmica de sala de aula, e se desdobrar para atender as necessidades de cada aluno são comuns, mas a turma talvez perca um pouco por falta de tempo dedicado a uma atividade que transcorra fluentemente sem interrupções e por desfazer a turma como unidade de ensino. O fato de citar esse fato não caracteriza ainda uma crítica, apenas uma reflexão sobre a dinâmica da turma e nossa necessidade de formação como professores para atendimento eficaz dessas demandas. Pois, alguns alunos, pelo fato de já lerem e escreverem, sem dificuldades que chamem atenção, podem estacionar no desenvolvimento dos conteúdos visto a atenção maior que aquele que não lê vai exigir.

Assim que cheguei à turma, meados de 2014, as professoras foram bem receptivas, no mesmo dia já conversamos sobre a turma e seus desafios e elas mesmas já foram nomeando os alunos que gostariam que eu ajudasse, considerando suas dificuldades.

As professoras são bem ativas na turma, mas isso em nenhum momento significa que me falta trabalho o de participar das aulas sugerindo alguma pergunta que não foi feita, fazendo alguma pergunta que possa gerar assunto e fazer com que os alunos queiram falar, relatar suas experiências ou dizendo algo também sobre o assunto explorado na aula.

Mas ao chegar à sala, foco de verdade em estar junto dos alunos, dando uma atenção mais personalizada me alternando entre os alunos, sentar junto e ajudar, o que os idosos nunca dispensam. Assim vou conhecendo melhor e tentando auxiliá-los nas dificuldades que tem para realização das atividades.

Desde o início do acompanhamento da turma, tive que trabalhar aproximação e as formas de fazê-la com cada aluno e até mesmo com as professoras da turma.

Sobre Alfabetização:

“Tudo vira alfabetização”, é a fala de uma das professoras. Em nossa turma, existe um desespero por parte das professoras para que alguns alunos, que já passam alguns até mais de dois anos e não apresentam resultados satisfatórios no sentido da leitura e da escrita, sejam alfabetizados.

A escola utiliza temas de estudo escolhidos sob pesquisa de interesse entre os alunos e análise de viabilidade. Dentro desses temas, com o intuito de promover a interdisciplinaridade, o professor deve atender a proposta de criar subsídios para estudo de todas as disciplinas propostas para o ciclo, por exemplo: Leitura de um livro, que contou a história de uma grande amizade entre um menino que veio de um país da África, trazido como escravo e um filho do dono de engenho, o professor introduziu conceitos de geografia, história, leitura de mapas, interpretação de texto, histórico de preconceito e discriminação do negro, produção de texto e escrita de novas palavras, essa foi uma aula da turma, ministrada por um professor convidado, mas em geral no cotidiano da turma, introduzir temas e alfabetizar é o desafio. Como prosseguir, sem ‘encalhar’ na escrita de palavras e até mesmo sílabas. Dessa forma muitas vezes a fluidez do conteúdo fica comprometida. Ainda por alguns alunos, como citei inicialmente não alcançarem resultados, tem-se a estagnação na aprendizagem fazendo o aluno questionar o motivo de ir à escola.

Os alunos, com suas necessidades diferentes de aprendizagem, ainda trazem para sala de aula os desejos e expectativas que tem em relação à leitura e escrita; os que já leem algumas palavras querem testar isso, e mostrar aos parentes e amigos. Alguns alunos contam que saem na rua lendo tudo que podem, em uma das aulas uma aluna me disse: “Saí ontem lendo todas as placas na rua, mas as palavras pequenininhas, professora. As grandonas eu ainda não leio não”. Outro aluno, religioso frequentava a escola incentivado pelo desejo de ler a bíblia e solicitava para que o ensinasse a escrever palavras que ouvia na igreja.

Outra aluna trouxe um papel no formato quadrado, desses de recado e pediu que a ajudasse a escrever um bilhete para a filha. E ainda a aluna “conectada”; sempre pedia que eu a ajudasse a ler SMS’s recebidos por ela e gastávamos o intervalo, às vezes até momento das aulas, lendo as mensagens. Na sala de aula, mantenho o celular em off, mas sempre que surge alguma demanda, pesquiso no celular, até mesmo a pedido das professoras. A aluna, reparando nesse movimento, mas não tinha ainda um celular que a conectasse, ficava quieta, mas numa tarde, em um dos intervalos ela se aproximou de mim mais uma vez e desembulhou um celular - mais moderno e melhor que o meu - e disse: “Estamos iguais, estou moderna, agora você me ensina a usar Wifi, professora?”

São descobertas deles e que nós, os professores precisamos aproveitar para que aprendam através do interesse.

Ser inseridos no mundo da leitura e da escrita traz novidade, não que com isso não possam aprender o proposto, mas outras demandas vão surgindo que muitas vezes o encobrem, pois não negaríamos a ensinar coisas tão básicas, que até então, idosos, não faziam parte da vida deles, o que para nós é corriqueiro. Isso também é mediação.

Sobre escrita de textos em sala de aula:

Nessa turma é comum que as professoras peçam que os alunos escrevam texto, ao modo deles, escrevendo corridamente ou não. Os textos sempre eram bem pequenos, frases resumiam, mas que ao conversar sobre o tema proposto para a escrita, o aluno discorria sobre o tema, portanto a escrita podia até ser “pobre”, mas as ideias, jamais. A pouca escrita era apenas uma limitação do saber, mas ao conversar com o aluno e verificar o que ele sabia, notei criar-se um estopim para o interesse de que contar através da escrita, de deixar registrado um número maior de palavras e a ampliação da abrangência do texto. Exemplo: A proposta foi escrever um texto sobre um lugar que gostavam na cidade de Vitória. Uma aluna me mostra uma frase e pede pra verificar se ela escreveu as palavras corretamente. Ela escreveu: “Gosto do Parque Moscoso”, comecei a fazer perguntas sobre onde ela morava, há quanto tempo morava em Vitória, o que ela conhecia e outras mais. A aluna por si, resolveu escrever sobre os lugares que mais gosta na cidade, e ao final ainda fez uma reclamação sobre a violência na cidade, que no relato dela, a impedia de conhecer vários lugares e sugere a construção de praças e mais locais de lazer. Falta-me o registro fotográfico desse fato.

Após esse dia, passei a auxiliar os alunos, dar mais atenção e incitar, provocou-a a falar o que pensavam. Na temática sobre as cidades, lemos um poema “Uma cidadezinha qualquer”, vimos um vídeo desse poema e conversamos com a turma sobre a cidade, sobre as cidades de cada um deles(Momento único: a maioria quis falar). Falaram de seus contextos de vida quando jovens, onde moravam... Essa atividade começou do meio para o final da aula.

No outro dia, o planejamento era prosseguir com a atividade do dia anterior. Desse movimento de incentivo surgiram outros contextos e explicações até mesmo sobre outros tipos de texto além do descritivo. Perguntavam: “Professora, posso escrever como se eu quisesse falar pra alguém onde eu moro, tipo uma carta”? Posso falar da violência da minha rua? Posso escrever sobre o bairro antigamente?” Nessa turma acompanhar os processos de produção de escrita mais de perto é necessário, até mesmo para o sentido da autonomia da escrita que parece que, de uma forma geral, os alunos ainda não compreenderam a liberdade de escrever como e sobre o que quiserem”.

Alfabeto móvel:

Cada aluno possui seu conjunto com todas as letras (Feito pela professora) que utilizamos, para que levem a escola e levem novamente para casa, na intenção de exercitarem. Na sala também temos um.

Às vezes para algumas alunas, que citei nas alongadas dificuldades na escrita e leitura, a professora lista palavras e pede que elas escrevam utilizando o tal conjunto, e eu ajudo, vou fazendo algumas perguntas sobre o tema estudado naquele dia e vão surgindo palavras que peço que escrevam juntando as letras. Vai ficando sempre um clima divertido e vamos “jogando”, as alunas se distraem e quando isso acontece, vamos escrevendo por um bom tempo.

Ao final deste ano notamos entre essas alunas, a memorização de letras e com essas formações, sons de letras unidas. Não estou falando de um processo mecânico de memorizar, mas para tais alunas, mês após mês, fazíamos atividades acreditando no aprendizado e no dia seguinte elas nem lembravam que letras eram as estudadas no dia anterior. Mas ainda precisamos pesquisar motivos e alternativas que podem ser utilizadas com as alunas em questão.

A maioria antes de estudar na EMEF EJA Admardo Serafim de Oliveira, teve contato com as palavras, letras, escrita, mesmo que muito básica ou superficialmente. Algumas já perguntam assim: B com A dá o que professora?

-Luiza, leia esta palavra aqui (por exemplo: casa):

- C com A, CA, S com A, SA. CAAASSA. Eu sei professora! É casa, né?

O que acaba sendo adivinhação e não leitura de fato.

Alguns alunos carregam vícios de leitura, parece estranho? Mas às vezes não reconhecem também uma letra sem o acompanhamento da outra.

Professora: Você conhece essa letra Maria? (letra M, por exemplo).

Maria: Coloca um A que eu leio.

Algumas vezes, o que temos como base, ou seja, ensinar a leitura a partir de textos acaba por virar na direção contrária, pois com os vícios de leitura podemos mascarar o real problema entre o aluno e o mundo das letras.

A questão com as sílabas emerge constantemente, a escola, através da Pedagoga Renata, verifica de pertinho, como estão alunos e seus processos, e por muitas vezes, somos alertadas quanto ao método e aos cuidados com as formas de alfabetizar, a pesquisar formas que não nos levem a rituais de estilo cartilha no ensino dos alunos. Visto que muitos pareceriam aprender fluentemente caso essa fosse a prática adotada. Não quero defender o

aprisionamento a métodos, mas o não descarte de nenhuma forma que possa ser utilizado a fim de beneficiar o aluno na aprendizagem.

Ao fim deste período de acompanhamento desta turma, noto apontados pela pesquisa algumas lacunas grandes nas práticas de Alfabetização:

Necessidade de formação do professor /alfabetizador para se poder pensar na elaboração de estratégias pedagógicas com foco em análise das produções dos alunos, sendo que estas estratégias poderiam ser elaboradas de forma coletiva.

Inserção de leitura com objetivo da leitura.

Referências:

FREIRE, Paulo. ***A importância do ato de ler***: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

BARBIER, René. ***A pesquisa-ação***. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.